

Manifestações em Brasília no período pós-eleitoral: uma análise textual-discursiva da violência verbal na construção do *ethos* em discurso nativo digital do *Twitter*¹

Demonstrations in Brasilia in the post-election period: a textual-discursive analysis of verbal violence in the construction of *ethos* in Twitter's digital native discourse

Bharbara Bonelle de Sousa²

Mayra Duarte Figueira³

Rivaldo Capistrano de Souza Júnior⁴

Resumo: Neste artigo, objetivamos analisar a violência verbal (Amossy, 2017; Cabral 2018, 2020) em comentários do *Twitter*, observando como a linguagem agressiva e hostil constitui-se como relevante estratégia para a construção do *ethos*. Para tanto, selecionamos um conjunto de comentários vinculados ao *tweet* do ex-presidente Jair Bolsonaro, no dia 08 de janeiro de 2023. Desse modo, considerando a relevância de categorias analíticas da Linguística Textual para a análise argumentativa do discurso (Cavalcante *et al.*, 2020, 2022), elegemos a referenciação como critério textual passível de ser mobilizado para a análise da argumentatividade em interações polêmicas e assumimos o pressuposto de que a violência verbal, conforme Cabral (2018, 2020), situa-se num quadro em que os sujeitos utilizam argumentos *ad hominem* para marcar argumentativamente o distanciamento em relação ao outro e para construir uma imagem de si. Com base nas análises empreendidas, concluímos que objetos de discurso i) contribuem para a instauração, manutenção e atualização da interação polêmica e ii) constituem-se, no jogo polêmico, relevante recurso de violência verbal, reforçando o caráter dicotômico da polêmica, bem como uma estratégia para a construção do *ethos*.

Palavras-chave: interações polêmicas; violência verbal; referenciação; *ethos*; comentários no *Twitter*.

Abstract: In this article, we aim to analyze verbal violence (Amossy, 2017; Cabral 2018, 2020) in Twitter comments, observing how aggressive and hostile language constitutes a relevant strategy for building *ethos*. To do so, we selected a set of comments to the tweet of former

¹ Este artigo é parte da Tese de Doutorado em andamento, intitulada *Polêmica, Argumentação e Estratégias De Textualização: Uma Análise Da Violência e Emoções na Construção do Ethos nos Tweets de Jair Bolsonaro*, de Bharbara Bonelle de Sousa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, sob a orientação do Prof. Dr. Rivaldo Capistrano Júnior.

² Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. E-mail: bharbara_bonelles@hotmail.com.

³ Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. E-mail: mayra_duarte@hotmai.com.

⁴ Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Línguas e Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. E-mail: r.capistrano@uol.com.br.

president Jair Bolsonaro, on January 8, 2023. Thus, considering the relevance of analytical categories of Textual Linguistics for argumentative discourse analysis (Cavalcante *et al.*, 2020,2022), we chose referencing as a textual criterion possible to be mobilized for the analysis of argumentativeness in controversial interactions and we assume that verbal violence, according to Cabral (2018, 2020), is located in a framework in which subjects use ad hominem arguments to argumentatively mark the distance in relation to the other and to build an image of oneself. Based on the analysis carried out, we conclude that discourse objects i) contribute to the establishment, maintenance and updating of the polemical interaction and ii) constitute, in the polemical game, a relevant resource of verbal violence, reinforcing the dichotomous nature of the controversy, as well as a strategy for building an ethos.

Keywords: polemical interactions; verbal violence; ethos; referencing; comments on Twitter.

Introdução

As construções discursivas e argumentativas em redes sociais são um processo complexo e diversificado, similarmente às dinâmicas sociais fora delas. Entretanto, o extenso alcance dessas produções, bem como sua rápida propagação, amplia essa configuração das dinâmicas face a face, haja vista as transformações postas pela disposição dos recursos em ambiente digital. Nesse contexto, é importante salientar que “falar em tecnodiscurso, tecnopalavra, tecnogismo, tecnogênero [...] é afirmar que os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguageira, mas que as determinações técnicas constroem as formas linguageiras.” (Paveau, 2021, p. 22).

Os ambientes virtuais são, no cenário atual, espaços de vastas produções permeadas por recursos que antes não estavam dispostos nas interações textuais-discursivas. Isso está posto no fato de que a escrita digital amplia a capacidade da escrita dos humanos, de forma a permitir maior expressão e comunicação (Paveau, 2021, p. 53). De modo proporcional a esse crescimento das manifestações discursivas, nota-se a utilização da violência como parte do processo de interação e como uma ferramenta da imagem de si, viabilizando a imagem do outro.

Nessa perspectiva, neste trabalho, propomos utilizar os estudos da referenciação (Cavalcante, 2011, Cavalcante *et al.*, 2020, Cavalcante; Martins, 2020, Cavalcante *et al.*, 2022), para analisar os processos linguageiros verbais e não verbais na construção do *ethos* discursivo (Amossy, 2016). Para isso, buscaremos também análise da polêmica (AMOSSY, 2008, 2011, 2017, 2018) aliada à instauração da violência verbal (Cabral 2018, 2020), a fim de verificarmos, em um processo dicotômico de posicionamento, como a violência pode funcionar como um recurso que colabora para a construção do *ethos*, ao mesmo tempo em que ataca a representação do outro no discurso. Tendo em vista que nossas análises serão realizadas a partir de um recorte

de publicações do *Twitter*, nos valemos de algumas concepções apresentadas por Paveau (2021) nas orientações metodológicas do nosso trabalho.

Com esses objetivos definidos, organizamos, além desta introdução e da conclusão, o artigo em quatro seções: na primeira, discorremos sobre a polêmica como modalidade argumentativa (Amossy, 2008, 2018; Cavalcante *et al.*, 2020); na segunda, o *ethos* discursivo nas interações polêmicas (Amossy, 2017; Cabral, 2018; Cavalcante, 2017; Macedo; Cavalcante, 2019); na terceira seção, tratamos da referenciação e de sua relação com a argumentação (Cavalcante *et al.*, 2019, 2020, 2022; Matos, 2018); na quarta, procedemos à análise.

A polêmica como modalidade argumentativa e seus traços definitórios

A Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), proposta por Ruth Amossy (2018), tem como preocupação central o estudo da argumentação e de suas estratégias de persuasão no discurso. Alinhada à perspectiva dialógica de Bakhtin, Amossy toma como princípio dialógico a noção de responsividade ativa e coloca a argumentação como sendo inseparável do funcionamento discursivo. Diferentemente da concepção retórica, na qual o sujeito faz de seu discurso um instrumento de persuasão com vistas à adesão de sua tese pelo auditório, a TAD redefine o sujeito retórico autônomo de acordo com o papel social que ele desempenha, pois é a partir da inscrição do sujeito em sua fala social e em determinada doxa que ele busca estrategicamente orientar o outro com o qual interage e, conseqüentemente, busca influenciá-lo.

Nessa perspectiva dialógica, Amossy (2011) reformula o conceito de argumentação da Nova Retórica, de Chaim Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), passando a considerá-la como a “tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário.”. Nesse sentido, Amossy “considera a argumentação, entendida como forma de influenciar o outro no seu modo de ver, pensar, agir e sentir (Amossy, 2018), e sua relação com o discurso, com o contexto sócio-histórico” (Capistrano Júnior, 2023). Dessa forma, os sujeitos são colocados como agentes de seu dizer, ao negociarem a todo instante com os interlocutores (em seus papéis sociais) para buscar atender seus propósitos. (Cavalcante *et al.*, 2020)

Essa concepção evidencia a necessidade de analisarmos as práticas discursivas em um *continuum* de argumentatividade em que os discursos, integrados em práticas sociais, nem sempre buscam levar o auditório à adesão de uma tese, mas que todo discurso tende a orientar os modos de ver, de pensar e sentir dos interlocutores. A esse respeito, podemos dizer que

argumentatividade é inerente ao discurso, e frequentemente tenta-se persuadir um auditório a aderir a uma tese⁵, o que Cavalcante *et al.* (2020) compreende como uma visada argumentativa, ou procura-se modificar a orientação do modo particular de ver as coisas, denominado por esses mesmos autores como orientação argumentativa. Isso quer dizer, conforme Amossy (2008), que a argumentação é modular e varia num *continuum*, podendo os textos apresentar diferentes possibilidades de modalidade argumentativa. Por modalidades argumentativas entende-se como sendo os “tipos de troca argumentativa que, atravessando os gêneros do discurso, modelam a forma como a argumentação funciona num quadro tanto dialogal quanto dialógico” (Amossy, 2008, p. 232). Melhor dizendo, há diferentes formas de estrategicamente tentar influenciar o outro.

Amossy (2008) apresenta seis modalidades argumentativas baseadas i) nos papéis desempenhados pelos participantes no dispositivo enunciativo (parceiros, adversários); ii) na maneira pela qual ocorre a tentativa de persuasão (apaixonada, racional, colaborativa, instrutiva); e iii) no modo como o interlocutor é concebido (ser de razão e/ou de sentimento, aluno ou discípulo, cúmplice ou rival etc.). Essas modalidades foram resumidas em: modalidade demonstrativa, modalidade pedagógica, modalidade patêmica, modalidade por coconstrução, modalidade negociada e modalidade polêmica.

A modalidade polêmica foi a única a receber de Amossy (2017) um tratamento metodológico específico. Essa modalidade consiste em um “debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios da sociedade mais ou menos importantes numa dada cultura” (Amossy, 2017, p. 49). A polêmica preenche funções sociais importantes, precisamente em razão do que é em geral criticado nela: uma gestão verbal do conflito realizado sob o modo da dissensão e, portanto, está atrelada ao desacordo, ao debate entre opiniões antagônicas, o que configura esta como sua primeira característica.

Para Amossy (2017), são três as características que determinam a modalidade polêmica: a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro, que pode facilmente dar origem à violência verbal. A dicotomização diz respeito ao choque de opiniões antagônicas, na qual o conflito é raiz de toda a polêmica e peça central dessa modalidade argumentativa. Esse choque de opiniões evidencia papéis sociais em dois extremos, sendo uma questão discursiva atualizada na interação e, por isso, corrobora a radicalização do debate e inviabiliza a possibilidade de um acordo.

⁵ Em consonância com Cavalcante *et al.* (2020), utilizamos os termos *tese* e *ponto de vista*, para nos referirmos, respectivamente, à opinião estrategicamente defendida por um locutor (baseada em argumentos) com vista à sua adesão pelo auditório e à expressão de um modo particular de ver as coisas, que é inerente a todo e qualquer dizer.

O segundo traço característico da polêmica é a polarização social, que promove o agrupamento com base na identificação e na consolidação da identidade de grupos sociais. É na polarização que a dicotomização é atualizada, tendo em vista que nela os atores podem exercer os papéis sociais de Proponente (aquele que tem a função de defender uma das teses), e de Oponente (aquele cujo papel é opor-se à tese defendida pelo Proponente e se coloca no extremo oposto da polarização). A terceira característica da polêmica é a desqualificação do outro e, secundariamente, a violência verbal. Essa característica está relacionada à forma com que os actantes agem discursivamente para depreciar o outro e convencer um terceiro.

O terceiro é um participante indireto, considerado pelos interlocutores como uma participação *silenciosa* na qual é levado a aderir ao ponto de vista. Para persuadir o terceiro, o Proponente não só tenta defender sua tese em relação ao Oponente, como também tenta desqualificar o adversário e seus argumentos, com o objetivo de deslegitimá-lo, mostrando que seu discurso não é confiável ou é inconsequente. Assim, Proponente e Oponente atuam como adversários, e ambos atacam e refutam a tese do outro, por meio da negação, da ironia, da distorção, da descredibilização etc. Nessa relação, ao refutar a tese do adversário, os actantes promovem a desqualificação do outro, bem como, conseqüentemente, delimitam a construção da sua própria imagem. Para tanto, podem fazer uso da violência verbal, tema da próxima seção.

A construção do *ethos* discursivo via desqualificação do outro na polêmica

Para Cavalcante (2017), a polêmica se constrói através das interações públicas ou semipúblicas que tratam de uma questão social e se manifesta na circulação dos discursos, via textos. Nesse sentido, compreendemos a polêmica pública como uma criação que emana de um confronto interdiscursivo. Apesar disso, assim como postula a autora, é no texto que esse fenômeno eclode. Nessa perspectiva, entendemos que, em uma interação polêmica, a tentativa de desqualificar o outro está diretamente relacionada à questão da violência verbal, tendo em vista que Proponente e Oponente, objetivando convencer o terceiro, podem, de forma agonística e com suas teses antagônicas, fazer uso de expressões linguísticas de teor depreciativo.

Assim, a desqualificação do outro pode ocorrer a partir de uma tentativa de desmerecer o discurso do adversário pela inaceitação de sua tese, mesmo havendo reconhecimento do auditório ao discurso atacado pelo Proponente. Além disso, essa desqualificação pode ocorrer de forma que o Proponente deprecie o adversário, atacando a sua imagem. Dizemos, assim, que a primeira forma de desqualificação ocorre centrada no *logos* e a segunda com foco no *ethos* (Macedo; Cavalcante, 2019).

Nota-se, portanto, que, a fim de construir a desqualificação do outro, a estratégia utilizada será a de deslegitimar o adversário e para isso, muitas vezes, o desqualificador fará uso do argumento *ad hominem*, que é aquele dirigido à pessoa do adversário, para pôr em dúvida a credibilidade do outro (Amossy, 2017). É interessante observar que todo argumento *ad hominem* gira, em certo ponto, em torno de desafetos, sentimentos e emoções que, consequentemente, podem estar ligados à imagem que o locutor constrói de si na interação. Além disso, essa estratégia de desqualificar o oponente deixa transparecer aversão e menosprezo em relação ao outro, ou seja, dá indícios de emoções negativas que, conforme Cabral (2020), podem servir de reforço à violência verbal, constituindo, assim, uma forma de marcar argumentativamente a diferença entre Proponente e Oponente. Essa dinâmica interacional provoca o descrédito e, por consequência, fere a imagem do adversário, o que, de certa forma, acarreta a valorização do *ethos* discursivo.⁶

Desse modo, é possível constatar que esse tipo de estratégia argumentativa dá-se em situações em que a polêmica está instaurada, visto que há necessariamente um antagonismo intenso entre opiniões conflitantes que circulam no espaço público, de forma que, ainda em consonância com Amossy (2017), o acordo é inviabilizado devido às opiniões contraditórias que não se enfrentam pela convergência de um posicionamento, mas, sim, pela exclusão mútua de cada ponto de vista. Essa estratégia, portanto, pode evidenciar uma relação entre violência verbal e a construção do *ethos*.

A noção de *ethos*, fundamentalmente definida, com raízes retóricas, como a imagem que o orador constrói de si em seus discursos com o objetivo de contribuir para a eficácia de seu dizer, busca explicar a relação entre a natureza do indivíduo e como esta será projetada no auditório. Nessa perspectiva, em uma interação, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si e, para tanto, não é necessário que faça um autorretrato, ou detalhe suas qualidades, pois seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa (Amossy, 2016). Assim sendo, a maneira de dizer dos participantes induz a uma autoimagem, fortemente ligada à enunciação e ao contexto.

À luz da retórica e a partir de reflexões sobre argumentação, as ciências da linguagem procuraram compreender e explicar a ligação da imagem do locutor à enunciação. Maingueneau (2016) chamou a atenção para o fato de o *ethos* ser construído no âmbito da atividade discursiva. Embora as escolhas linguísticas feitas pelo locutor revelem pistas da própria imagem, não

⁶ Noção teórica discutida na tese de doutorado em construção, da doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, Bharbara Bonelle de Sousa.

podemos ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale. Esse processo é denominado pelo autor como *ethos* discursivo e pré-discursivo.

Assim, em associação a essa concepção, podemos dizer que o orador leva seu interlocutor a construir uma imagem de si por meio de estereótipos, de representações culturais e de modelos pré-construídos. A respeito da estereotipagem, Amossy (2016) ressalta que

[...] a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seus discursos não podem ser totalmente singulares. [...] A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica. Se se tratar de uma personalidade conhecida, ele será percebido por meio da imagem pública forjada pelas mídias. (Amossy, 2016, p. 125-126).

Nessa perspectiva, a autora faz uso da noção de *ethos* pré-discursivo, chamada por ela de *ethos* prévio, e relaciona o *ethos* aos estereótipos, uma vez que no estabelecimento do *ethos* é necessário seu reconhecimento em uma doxa, ou seja, sua construção compreende representações sociais partilhadas. O orador, então, enquadra seu dizer a partir de modelos coletivos interiorizados em seu auditório; e o público-alvo cria modos de representação e estereótipos que antecipam a imagem desse orador.

Assim, acreditamos, com base nos pressupostos de Amossy (2016), que o *ethos* do orador construído no discurso deriva da interação verbal na perspectiva de que ele consegue moldar sua representação a partir dos conhecimentos compartilhados acerca de esquemas coletivos. É, pois, a interação que determina a capacidade do orador em agir sobre o auditório, de modo que a construção de sua imagem não é feita só pelo que enuncia de si, mas pela incumbência atribuída à audiência de relacionar o que é dito às produções discursivas: “É o conjunto das características que se relacionam à pessoa do orador e a situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem.” (Amossy, 2016, p. 127). Abordaremos, portanto, neste trabalho, em consonância com Amossy (2016), essa noção da elaboração do *ethos* como uma construção discursiva em um quadro interacional.

Nesse escopo, a formação de um *ethos* discursivo, que concebe elementos como conhecimentos pré-estabelecidos pela estereotipagem e pela cultura, por exemplo, estabelece a relação da intencionalidade da violência verbal como um processo de elaboração da imagem de si. Desqualificar a imagem de outro, romper com as convenções harmoniosas postas pelos contratos de polidez social são formas, a depender da circunstância, de confirmar com sua plateia a ideia de alguém que não se prende a meias verdades, íntegro. Por isso, vinculamos,

com Perelman e Tyteca (2014) e Amossy (2017), essas dinâmicas aos argumentos *ad hominem*, visto que o orador cria uma imagem de si pelos seus objetivos e intenção de desqualificação do outro - tomado como adversário.

Esse tipo de argumento é uma estratégia comum nos espaços de comentários, uma vez que apresenta características próprias do ambiente digital, tais como:

[...] a hiperconexão (conexão em grande escala), o ambiente algorítmico das redes, as estruturas de participação, o livre acesso a conteúdos, a formação de bolhas sociais, favorecem o surgimento de uma heterogeneidade de opiniões e pontos de vista, fomentando o surgimento de interações conflituosas, em que a agressão verbal, a desqualificação do adversário etc., formas de violência linguageira, ocorrem (Capistrano Júnior, 2023, n.p.).

Isso, conseqüentemente, contribui para a (re)construção e projeção do *ethos*. Dito isso, defendemos que as expressões referenciais, em sua intrínseca relação com a orientação argumentativa, podem ser empregadas para depreciar o adversário e, levando em consideração que são indicativas de pontos de vista, o interlocutor que utiliza um objeto de discurso para desacreditar o oponente está fornecendo informações que ajudam a moldar a imagem de si mesmo. Trataremos das expressões referenciais na próxima seção.

Processos referenciais e argumentação

Na Linguística Textual, a referenciação diz respeito à atividade dinâmica, intersubjetiva e situada de (re)construção de objetos de discurso. Nessa perspectiva, o fenômeno da referenciação não resulta de uma mera atividade de designação ou etiquetamento das coisas do mundo (Marcuschi, 2007; Koch, 2011), mas evidencia como os sujeitos percebem realidades, estabelecem suas expectativas e negociam sentido(s). Assim, uma vez introduzidos, os objetos de discurso são retomados anaforicamente ao longo do texto ou servem de base para novas introduções referenciais, possibilitando a progressão referencial.

Essa atividade permite aos sujeitos sociais realizarem escolhas de como o objeto de discurso, por meio da introdução referencial, será apresentado na superfície do texto e recategorizado não só por meio de sucessivas retomadas anafóricas, mas também pela relação em rede com outros objetos de discurso de um texto. Matos (2018, p. 169) define redes referenciais como “entrelaçamento de sentidos na construção dos objetos de discurso, os quais mantêm uma diversidade de relações entre si e adaptam, funcionalmente, aos modos de constituição dos textos”. Essas redes formam elos, que, ativados pelo contexto, promovem

diversas formas de associações, funcionando, na construção e manutenção da coerência, como *links*, ou modos de conexões com os objetos de discurso.

Desse modo, as recategorizações não ocorrem apenas de forma pontual e restrita a certas unidades linguísticas, mas também por um gama de evidências contextuais, oriundas de uma visão sociocognitiva dos processos referenciais. A esse respeito, Custódio Filho (2011) evidencia a existência de um tipo de recategorização rotulada como “recategorização sem menção referencial”, em que “os processos referenciais não precisam, necessariamente, estar associados à menção de expressões referenciais para serem introduzidos no universo discursivo criado a partir do texto” (Cavalcante, 2011, p. 119), pois podem ser construídos, também, a partir de outros recursos que não apenas o material verbal de um texto (Custódio Filho, 2011).

Assim, a construção das redes referenciais, segundo Cavalcante *et al.* (2022), representa muito mais do que um simples encadeamento de sequências nominais, ou manifestação léxico-gramatical e semântica de um texto coesivo, mas uma (re)criação do objeto de discurso num emaranhado de relações complexas e difusas no texto. Portanto, a (re)elaboração dos objetos de discurso é influenciada por fatores *externos*, como crenças, valores e percepções pessoais (Koch; Elias, 2016), e se insere em uma situação de interação específica e um dado contexto sociopolítico e cultural, estando a serviço da argumentação.

Nesse processo, as estratégias referenciais, como a introdução e a anáfora, atuam como estratégias textuais-discursivas para uma construção argumentativa, como ocorre na discussão deste trabalho. Isso funciona de modo que os processos interacionais em uma rede social como o *Twitter*, por exemplo, disponham dessa rede referencial para atacar, persuadir e elaborar o *ethos* do enunciador. Com efeito, essa escolha sempre tem uma motivação e indica uma decisão tomada pelo falante em relação ao contexto social, político e cultural em que se encontra, bem como ao objetivo de comunicação na situação interativa em questão. Dessa forma, compreendemos, bem como Cavalcante *et al.* (2020), que as escolhas referenciais marcam uma orientação argumentativa. Se tomarmos como princípio a ideia de que um argumento *ad hominem* ataca a imagem do outro, a escolha referencial para representar essa imagem determina uma orientação argumentativa de oposição e auxilia o terceiro na cena discursiva a compreender e tomar decisões.

Nesse sentido, a referenciação também pode contribuir para a construção de um *ethos*, ou seja, a imagem que o autor deseja projetar de si mesmo para o leitor. Por meio das escolhas lexicais e gramaticais, o autor pode construir um que reflete sua posição, atitude e visão de mundo. Por exemplo, o uso de termos técnicos pode transmitir uma imagem de autoridade e

expertise, enquanto o uso de expressões coloquiais pode transmitir uma imagem de proximidade e informalidade.

Análise da violência verbal na construção do *ethos* em discurso nativo digital

O ano de 2022 foi marcado, dentre outros grandes eventos, pela disputa eleitoral aos cargos de senadores, deputados estaduais e federais e de presidente do Brasil. O cenário da disputa dicotômica entre a esquerda, representada por Luís Inácio Lula da Silva, do PT, e a direita, de Jair Messias Bolsonaro, do PL, foi tão efervescente quanto nas eleições de 2019. A diferença central é que, ao contrário daquele ano em que Bolsonaro consagrou-se presidente, em 2022, a reeleição não foi consolidada e o retorno de Lula ao cargo de chefe de estado brasileiro foi confirmado no dia 30 de outubro.

Durante as 48 horas seguintes à divulgação do resultado oficial das eleições, a ausência de qualquer tipo de declaração por Jair Bolsonaro foi uma circunstância que teve destaque nas mídias nacionais e internacionais. O ex-presidente conhecido pelo uso excessivo das suas redes sociais, bem como pela execução de *lives* em seu canal na plataforma *YouTube*, permaneceu em silêncio, de modo que seu silêncio foi simbólico face às manifestações antidemocráticas que começaram a ocorrer pelo Brasil (com indivíduos que se declaravam pró-bolsonaro alocados em frente a quartéis militares com objetivo de questionar os resultados das eleições, pedindo intervenção e golpe militar).

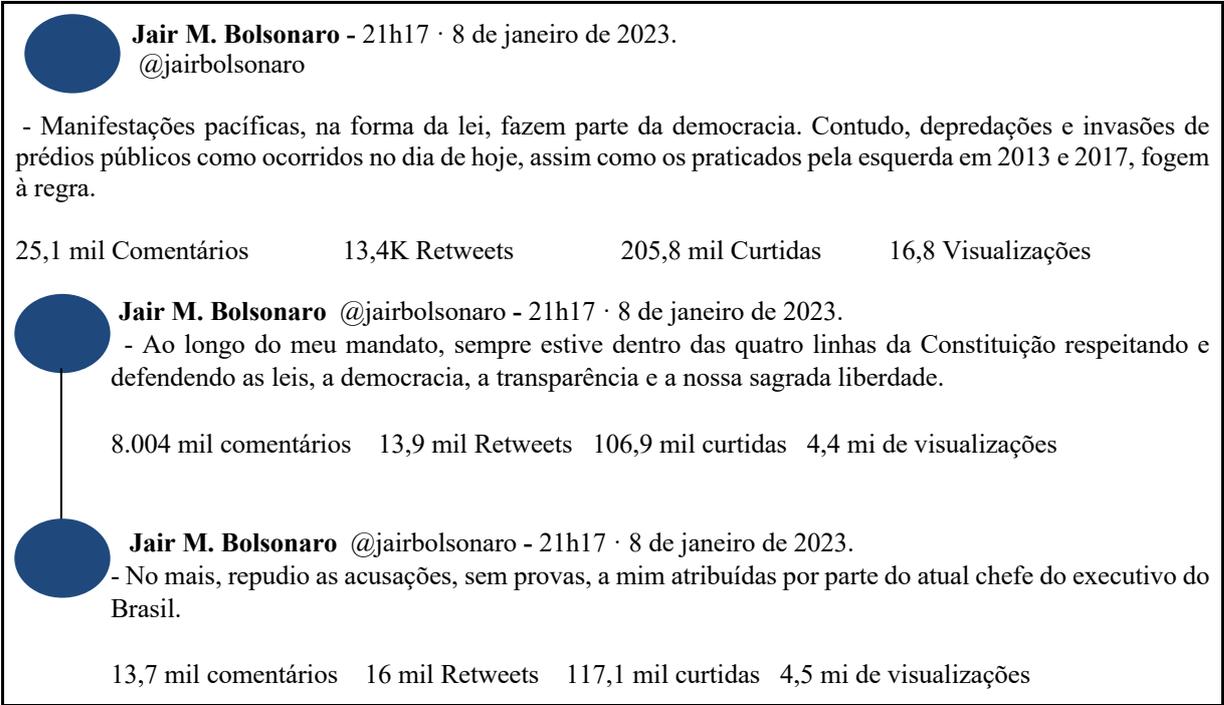
O período entre 30 de outubro e 31 de dezembro de 2022 foi marcado por tensões políticas devido à sensação de um possível golpe em curso. À medida que o fim do governo Bolsonaro aproximou-se, algumas manifestações criminosas ocorreram, como a tentativa de explosão de um caminhão de combustível próximo ao aeroporto de Brasília por George Washington de Oliveira Sousa, que afirmou que as palavras de Bolsonaro o encorajaram a cometer tal ação (Mattoso; Rocha, 2022), em 24 de dezembro de 2022. Além disso, durante a cerimônia de posse do presidente eleito, foi quebrado o protocolo da passagem da faixa presidencial, tendo em vista que Jair Bolsonaro viajou para os Estados Unidos no dia 30 de dezembro, em um avião da FAB, com 8 integrantes da sua comitiva, (Araújo, 2022) e recusou-se a fazer a entrega ao presidente Lula.

Esse percurso apresentado culmina na ocorrência da invasão e depredação do Congresso Nacional, Palácio dos Planaltos e STF, em Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023, novamente realizada por manifestantes bolsonaristas que se recusavam a aceitar os resultados das urnas. Diante desses acontecimentos, a justificativa da coleta de dados é pautada no fato da rede social *Twitter* ser um espaço que permite o envio de mensagens curtas nas quais as pessoas se

comunicam de forma instantânea na internet. Assim, a relevância do fato ocorrido no Brasil em 8 de janeiro de 2023 nos levou à publicação em que Jair Messias Bolsonaro se manifesta na rede social *Twitter* a respeito dos atos antidemocráticos e alguns de seus desdobramentos, conforme podemos observar adiante.

Essa postagem, no momento da coleta, possuía 25,1 mil tweets com comentários e 13,4 mil retweets, o que quer dizer que ela promoveu a divulgação e socialização de uma informação mais de 13 mil vezes. Além disso, o número de curtidas sinaliza a aprovação do discurso proferido por mais de 205 mil pessoas. Assim, tendo em vista a quantidade de comentários, utilizamos dois critérios de seleção. O primeiro foi a seleção dos comentários mais recentes, e o segundo critério foi a seleção de comentários nos quais está evidente o uso de objetos de discurso na confrontação de teses antagônicas e desqualificação do opositor e que, conseqüentemente, mostram a indicação do *ethos* do propositor. Dessa forma, chegamos a 7 publicações, assim organizadas textualmente: 3 postagens motivadoras interconectadas por fio discursivo, 1 comentário (C.1) com mais 3 comentários a comentário (C.C.1.1; C.C.1.2; C.C.1.3) que também referenciam a postagem motivadora.

Publicação 1 - descrição de postagem motivadora e sua sequência



Jair M. Bolsonaro - 21h17 · 8 de janeiro de 2023.
@jairbolsonaro

- Manifestações pacíficas, na forma da lei, fazem parte da democracia. Contudo, depredações e invasões de prédios públicos como ocorridos no dia de hoje, assim como os praticados pela esquerda em 2013 e 2017, fogem à regra.

25,1 mil Comentários 13,4K Retweets 205,8 mil Curtidas 16,8 Visualizações

Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro - 21h17 · 8 de janeiro de 2023.

- Ao longo do meu mandato, sempre estive dentro das quatro linhas da Constituição respeitando e defendendo as leis, a democracia, a transparência e a nossa sagrada liberdade.

8.004 mil comentários 13,9 mil Retweets 106,9 mil curtidas 4,4 mi de visualizações

Jair M. Bolsonaro @jairbolsonaro - 21h17 · 8 de janeiro de 2023.

- No mais, repudio as acusações, sem provas, a mim atribuídas por parte do atual chefe do executivo do Brasil.

13,7 mil comentários 16 mil Retweets 117,1 mil curtidas 4,5 mi de visualizações

Disponível em:

<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1612242019564548097?s=20&t=PxoB7OoPsuHok0Zkt9e8MQ>

Q. Acesso em: 10 fev. 2023.

A postagem motivadora da publicação 01 trata de um fio⁷ publicado na conta do ex-presidente, a fim de elaborar um posicionamento de Jair Bolsonaro sobre os ataques realizados em Brasília cuja autoria foi midiaticamente atribuída aos seus apoiadores. Sabemos que a modalidade polêmica só se efetiva no diálogo entre textos, tendo origem, portanto, a partir das relações intertextuais. Nesse contexto, para que a polêmica não seja intitulada apenas como uma simples discussão ou disputa, ela precisa abordar assuntos de interesse público.

Na primeira publicação, Bolsonaro coloca “[...] depredações e invasões de prédios públicos como ocorridos no dia de hoje, assim como os praticados pela esquerda em 2013 e 2017 [...]”, de forma que estabelece uma comparação entre os atos e evidencia que as atitudes da esquerda estão em contraposição às atitudes tomadas por ele (declaradamente de extrema direita). Na continuação da publicação, ele defende que “Ao longo de meu mandato, sempre estive dentro das quatro linhas da Constituição [...]” e utiliza a expressão referencial “atual chefe do Executivo do Brasil” para referir-se ao presidente Lula e usa o verbo “repudiar” para desaprovar o comportamento de acusá-lo, o que reitera o caráter polêmico da sua publicação.

Esse fio discursivo realizado no perfil oficial do ex-presidente Jair Bolsonaro apresenta uma organização não violenta em sua comunicação. Entretanto, o *ethos* discursivo é evidenciado por meio de cadeias referenciais, construídas com base na dicotomização entre direita e esquerda do Brasil. Desse modo, as escolhas referenciais (“manifestações pacíficas”, “depredações e invasões de prédios públicos”) e predicação ao objeto de discurso Bolsonaro (“sempre estive dentro das quatro linhas da Constituição”) evidenciam aquilo que está positivamente vinculado à imagem do ex-presidente e negativamente ao comportamento da esquerda brasileira, a partir da perspectiva do proponente dessa interação.

Dessa forma, é possível observar que essa publicação se configura como um discurso polêmico, tendo em vista que dialoga com discursos antecedentes aos quais se opõe, fazendo uma alusão de forma indireta a uma situação já divulgada em textos anteriores. Além disso, gera um gatilho para deflagrar o debate e as interações nos comentários. Nesse contexto, no que tange à análise da atualização da polêmica nos comentários, com respaldo em Amossy (2017), assumimos o posicionamento de que o *tweet* de Jair Bolsonaro por si só não instaura nenhuma polarização de uma interação polêmica. A polarização somente ocorre nos espaços

⁷ O termo fio, a princípio popularizado nas redes sociais com o termo em inglês *thread*, diz respeito à construção de uma exposição de uma ideia longa, que ultrapassa os limites de caracteres permitidos em uma publicação (no caso do *Twitter*, são 280), de maneira sequenciada. Nesse espaço, são comumente expostas narrativas ou argumentações ao público da rede e sua apresentação visual dá-se pelo aparecimento de um traço (tal qual um fio) que conecta uma publicação à outra.

dos comentários, no qual há trocas interacionais entre os internautas que assumem os papéis de proponente, oponente ou terceiro.

Publicação 2 - Comentário 1 e comentários a comentários

 **COMENTÁRIO 1 – C.1** (resposta à postagem do ex-presidente)
Você será preso, Bolsonaro. Não adianta querer tirar o corpo, agora. Você é o responsável direto. SEM ANISTIA!

391 comentários 264 Retweets 17,6 mil curtidas 253 mil visualizações

 **Comentário a Comentário 1 - C.C.1.1** (*comentário, de outro indivíduo, na interação em rede. Essa interação é uma resposta direta ao comentário acima, de modo que há menção ao usuário Jair Bolsonaro e ao outro não identificado intencionalmente.*)

Sua falsa equivalência - e ignorância - em relação ao que houve em 2013 só serve para o seu gado. Sua hora de acertar as contas com a justiça vai chegar. Vamos honrar a memória dos mortos por covid

188 comentários 145 Retweets 9146 mil curtidas 234,4 mil visualizações

Disponível em:

<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1612242019564548097?s=20&t=PxoB7OoPsuHok0Zkt9e8MQ>. Acesso em 10 fev. 2023.

A publicação 2 contém uma unidade de interação na qual um usuário faz um comentário, C.1, e logo abaixo vão surgindo as réplicas e trélicas. Podemos notar que a característica da dicotomização se evidencia nos comentários com a radicalização em **polos** opostos, na qual temos internautas que assumem diferentes posicionamentos, o de esquerdistas e o de direitistas. Assim, C.1 se lança como proponente da questão que norteia o embate: atribuir a Jair Bolsonaro a responsabilidade de incitar as manifestações em Brasília em 8 de janeiro de 2023 e o pedido de prisão para o ex-presidente. Podemos destacar, nas escolhas linguísticas de C.1, que o objeto de discurso Bolsonaro se expande em rede de modo vinculado indiretamente a outra entidade, tal como “responsável direto”, e atrai para si outros objetos de discurso como “preso” e “anistia”. Com isso, reconhecemos, com base no conceito de redes referenciais proposto por Matos (2018), que a construção referencial está ancorada contextualmente tanto na postagem motivadora, quanto nos comentários. Portanto, o entrelaçamento entre os objetos de discurso se dá por várias inferências, dentre as quais a “anistia”, que se associa a “preso”, por se tratar de um perdão concedido àqueles que cometeram crimes políticos ou conexos com estes. Trata-se, portanto, de uma recategorização em rede construída sob o olhar do entorno interativo, fazendo com que o objeto de discurso adquira novos contornos de sentido.

Além disso, ao comentar e expressar uma visão acerca da responsabilidade e participação de Jair Bolsonaro nas manifestações de 8 de janeiro de 2023, o Proponente ao mesmo tempo em que manifesta sua opinião e busca a adesão do leitor, constrói uma imagem de si, de um *ethos* de oposição. Esse *ethos* do proponente é corroborado pela ideia de que esse eleitor se autocategoriza implicitamente como “de esquerda”, “petista”. Assim, ao expor seu ponto de vista, o Proponente em C.1 reforça seu engajamento e incita outros comentários, como podemos verificar no recorte do comentário de C.C.1.1, em interação com C.1. Por sua vez, o comentário a comentário 1.1 responde ao comentário de C.1 e assume também o papel de Proponente ao retratar sua opinião a respeito da prisão e acusação de participação nas manifestações pelo ex-presidente, Jair Bolsonaro. Esse comentário-resposta é marcado por um descontentamento do Proponente que faz uso da violência verbal ao usar das expressões “falsa equivalência”, “ignorância” e “gado⁸” para atacar e desqualificar o ex-presidente e indiretamente seus eleitores.

Ao desqualificar o adversário, por meio da categorização, esse Proponente faz uso da violência verbal, por meio do argumento *ad hominem*, sobre a pessoa do adversário. Além disso, ao fazer uso da violência verbal para atacar a imagem do adversário, o Proponente constrói um *ethos* atribuindo a si objetos de discurso⁹ como “esquerdista”, “petista”. Outro objeto de discurso evocado no comentário é “mortos por covid”, que faz com que o interlocutor realize uma alusão à situação de pandemia e ao cenário político brasileiro durante o surto da COVID-19, deixando evidente seu posicionamento, bem como a dicotomização em relação ao *tweet* de Jair Bolsonaro.

No recorte seguinte, há dois comentários a comentários, o primeiro definido como C.C.1.2 e o segundo C.C.1.3. Ambos tratam do prolongamento das interações anteriormente apresentadas, de forma que em cada uma delas há a menção aos usuários anteriores que, mais uma vez, não estão identificados intencionalmente.

⁸ A construção deste objeto de discurso “gado” apresenta uma conotação negativa, uma vez que é tomado prioritariamente por pessoas cujo pensamento político relaciona-se à esquerda a fim de ofender as pessoas de direita que compactuam com as ideias do ex-presidente Jair Bolsonaro. O sentido do termo está associado à ideia de alienação, especialmente de indivíduos que são facilmente influenciáveis e despolitizados devido à falta de informação e conhecimento sobre a história e que, por consequência, seguem e reproduzem acriticamente um pensamento.

⁹ A noção de autoreferencialidade é também discutida na tese em construção, de Bharbara Bonelle de Sousa, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo.

isso, ele se utiliza da violência verbal por meio do argumento *ad hominem* para atacar a pessoa do adversário e dar indícios de sua imagem, de um *ethos* de superioridade, ao demonstrar ser um eleitor bolsonarista, de direita. Assim, fica evidente, nessa interação, que os atores sociais se polarizam em dois agrupamentos por identificação, os quais atualizam visões dicotomizadas: um de opositores do ex-presidente Jair Bolsonaro; outro de apoiadores do atual presidente Lula.

Nessa perspectiva, C.C.1.3 se lança como outro Proponente e, a partir das suas escolhas linguísticas, uma orientação avaliativa de caráter negativo se instaura, ocorrendo, assim, por meio da categorização do oponente como “animal irracional”, uma busca do internauta pela desqualificação do adversário. A escolha lexical feita por C.C.1.3 por meio das expressões referenciais de cunho mais agressivo e os xingamentos, bem como a presença do riso, usado como forma de ironia e sarcasmo, evidenciam o propósito de instigar a polêmica. Essas escolhas linguísticas e o riso representam um ataque ao adversário, configurando-se como um argumento *ad hominem*, ao desqualificar os argumentos do adversário da disputa argumentativa ou a sua própria pessoa, constituindo, conforme Amossy (2017), uma forma de marcar a diferença relativamente ao adversário e levá-lo ao descrédito por atribuir-lhe má fé.

Ao marcar argumentativamente esse distanciamento, por meio da desqualificação do oponente ao categorizá-lo como “animal irracional”, esse proponente fornece pistas sobre sua imagem, sobre seu caráter moral, se autocategorizando como “adversário”, “eleitor de esquerda”, o que conseqüentemente indica um *ethos* de oposição e de superioridade. Outra questão que colabora para a construção desse *ethos* corresponde ao fato de C.C.1.3 recategorizar o oponente C.C.1.2 como vândalo e arruaceiro, bem como os apoiadores de Bolsonaro, tendo em vista o uso da dêixis “vocês” como uma importante estratégia de identidade de grupos antagônicos.

Além disso, podemos notar que as 483 curtidas no comentário de C.C.1.3 evidenciam a polarização como também uma dicotomização ao mostrar uma aprovação da polêmica instaurada. Essas marcas evidenciam que o proponente busca atingir, também, o terceiro, participante indireto que acompanha a distância o dissenso entre apoiadores de Lula e apoiadores de Bolsonaro, sob o ponto de vista de que o oponente, ao mesmo tempo que atribui ao presidente Lula o título de bandido, os eleitores e apoiadores de Bolsonaro queimam ônibus, carros e quebram patrimônio público.

Nesse cenário, é válido ressaltar que as ferramentas que nos mostram as visualizações, as curtidas e os *retweets* evidenciam maior apoio às perspectivas das práticas e discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro, ao menos em quantidade. Entretanto, o caráter polêmico e a dicotomização dos posicionamentos se reiteram também nos mesmos recursos naqueles

usuários que reivindicam um *ethos* contra as ideias bolsonaristas e atacam, como mostramos, com argumentos *ad hominem*, o proponente. É importante reforçar que a postagem motivadora está situada na página oficial do ex-presidente, o que atrai um maior número de apoiadores do que de interlocutores que discordam/rejeitam as orientações argumentativas desenvolvidas.

Conclusão

A análise dos comentários reativos à postagem do ex-presidente Jair Bolsonaro esclarece de que maneira uma orientação argumentativa polêmica, associada à violência verbal, é capaz de revelar uma imagem de si ao mesmo tempo em que há um ataque à imagem do outro. Nesse cenário, o recorte feito evidencia o quanto a produção de um discurso violento, que por vezes expõe uma manifestação odiosa, repercute nas redes sociais, haja vista a quantidade de curtidas que recebe.

Posto isso, este trabalho¹⁰ teve como objetivo examinar como a referência funciona como estratégia para a construção do *ethos*, bem como influenciam a orientação argumentativa dos textos. Sob essa perspectiva, consideramos a argumentatividade como uma dimensão essencial dos discursos que se manifesta no nível da textualidade, de modo que as escolhas dos objetos de discurso feitas pelos enunciadores para atender às suas necessidades comunicativas não são aleatórias, mas, sim, moldadas por sua visão de mundo. Assim, evidenciamos que os processos de (re)categorização são capazes de vincular os valores, os estereótipos, as crenças e representações daqueles que foram denominados aqui como Proponente, Oponente e terceiro, sobretudo por meio da utilização de argumentos *ad hominem*.

Para examinar esses processos, consideramos algumas decisões metodológicas, como o ambiente de circulação dos textos e a violência no ambiente digital. Esse recorte metodológico mostra que a construção referencial é elaborada em função da organização social do espaço virtual, o que significa que a representação de valores diferentes sobre o mesmo objeto é permitida pela dinâmica fluida, pública, de largo alcance e possivelmente sem a presença de um enunciador real no ambiente. No nosso estudo, isso repercute na elaboração de um *ethos* que age no espaço público a fim de delimitar um lado diante de uma manifestação polêmica sobre questões ideológicas. Como analisamos parte de processos interacionais na página do ex-presidente da república, há uma dinâmica em que os locutores-internautas têm espaço para se

¹⁰ Este trabalho traz contribuições do trabalho de doutoramento, intitulado “Polêmica, argumentação e estratégias de textualização: uma análise da violência e emoções na construção do *ethos* nos tweets de Jair Bolsonaro” (SOUSA, 2023).

posicionarem e se pronunciarem em relação ao que enunciado, e o fazem considerando seus próprios valores.

A partir da análise da polêmica, pautada em discursos com orientações argumentativas, descobrimos que a forma pela qual os objetos de discurso são (re)categorizados nos textos reflete a reivindicação de uma imagem própria e do outro. Além disso, notamos que essas delimitações mostram os valores sociais e individuais dos interactantes, de modo que organizam as cadeias de identificação ou conflito de posicionamentos.

Portanto, a elaboração do *ethos* em um ambiente nativo digital perpassada pela violência verbal é uma estratégia que evidencia a construção de valores coletivos e individuais - igualmente importantes na determinação da orientação argumentativa do texto. Não podemos ignorar que a própria organização política brasileira vigente também influencia a orientação argumentativa dos textos, sobretudo no que concerne ao recorte abordado nesta pesquisa, que é reflexo de uma espécie de duelo entre a esquerda política brasileira de Luís Inácio Lula da Silva e a direita de Jair Messias Bolsonaro.

Referências

ARAÚJO, C. **Bolsonaro viaja para os Estados Unidos com avião da FAB**. Uol, Brasília, 30 de dez. de 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/carla-araujo/2022/12/30/bolsonaro-viaja-hoje-para-os-estados-unidos-com-aviao-da-fab.htm>.

Acesso em: 10 fev. 2023.

AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. *In*: LARA, G.; MACHADO, I.; EMEDIATO, W. (Orgs.). **Análises do discurso hoje**, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 231-254.

AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389/395>. Acesso em: 22 mar. 2023.

AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2016.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Trad. de Mônica Magalhães Cavalcante (Org.) *et al.* São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, R. **A Argumentação no Discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

CABRAL, A. L. T.; LIMA, N. V. Interações conflituosas e violência verbal nas redes sociais: polêmica em comentários no Facebook. **Revista (Con)textos Linguísticos**, v. 12, n. 22, Edição Especial Violência Verbal, p. 39-58, 2018. Disponível: em:

<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/20626/14231>. Acesso em: 13 jan. 2023.

CABRAL, A. L. T. Inteligência retórica: violência e emoções na construção do ethos. *Verbum*, v. 9, n. 1, p. 49-64, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/48365/pdf>. Acesso em: 13 jan. 2023.

CAPISTRANO JÚNIOR, R. Descritivo, violência linguageira e emoções em comentários do *Instagram*: uma análise textual-discursiva. In: Elias, V. M.; CABRAL, A. L. T.; AGUIAR, A. P. S. (orgs.). **O descritivo e outros temas**: uma homenagem a Sueli Cristina Marquesi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023, p. 103-117.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: UFC, 2011.

CAVALCANTE, M. M. **Estratégias de persuasão**: a contribuição da Linguística Textual para o ensino e para a pesquisa. In: Conferência apresentada por ocasião do X Congresso Internacional da Abralín. Nitéroi, 2017.

CAVALCANTE, M. M.; MARTINS, M. A. Referenciação: em síntese. In: LIMA, A. H. V.; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S. A. de S. (orgs.). **Linguística geral**: os conceitos que todos precisam conhecer - volume 2. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 237-272. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/linguisticageral-2>. Acesso em: 14 fev. 2023.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística textual e argumentação**. São Paulo: Ed. Pontes, 2020.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística textual**: conceitos e aplicações. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

KOCH, I. G.V. **Introdução à Lingüística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

MACEDO, P. S. A. de; CAVALCANTE, M. M. Estratégias de textualização na polêmica sobre culturas agrícolas no Brasil. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 303-320, 2019.

MAINGUENEAU, D. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MATOS, J. G. **A construção das redes referenciais na nota jornalística**: uma proposta de descrição. 2018. 259 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MATTOSO, C.; ROCHA, M. **Empresário preso diz que fala de Bolsonaro o incentivou a ter arma.** *Estado de Minas*, 25 dez. 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/12/25/interna_politica,1437330/empresario-presos-diz-que-fala-de-bolsonaro-o-incentivou-a-ter-armas.shtml. Acesso em: 15 jan. 2023.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital:** dicionário das formas e das práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação:** a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

Sobre os autores

Bharbara Bonelle de Sousa (<https://orcid.org/0000-0001-9154-2486>)

Professora da Prefeitura Municipal de Cariacica, no estado do Espírito Santo. Mestre em Estudos Linguísticos, com ênfase em Estudos sobre texto e discurso, no programa de pós-graduação *stricto sensu* da Universidade Federal do Espírito Santo. É graduada e licenciada em Letras - Língua Portuguesa pela UFES e em Pedagogia pela Faculdade Capixaba da Serra - Multivix.

Mayra Duarte Figueira (<https://orcid.org/0000-0002-2026-6696>)

Professora de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino do Espírito Santo. Mestre em Estudos Linguísticos, com ênfase em Estudos sobre texto e discurso, no programa de pós-graduação *stricto sensu* da Universidade Federal do Espírito Santo. É graduada e licenciada em Letras - Língua Portuguesa pela mesma instituição.

Rivaldo Capistrano de Souza Júnior (<https://orcid.org/0000-0002-3731-7613>)

Professor permanente do PPGEL-UFES. É líder do GELT (CNPq/UFES), vice-líder do THELPO (CNPq/UNIFESP) e integrante dos grupos de pesquisa Prottexto (CNPq/UFC) e Texto, Escrita e Leitura (CNPq/PUC-SP). É vice-coordenador, para o biênio 2021-2023, do Grupo de Trabalho Linguística de Texto e Análise da Conversação (GT LTAC) – ANPOLL.

Recebido em julho de 2023.

Aprovado em setembro de 2023.